

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VICTOR LUIZ OLIVEIRA COSTA

NEOLIBERALISMO EM QUADRO:

O GOVERNO THATCHER EM “V DE VINGANÇA”

4088
5.09 (C)

UBERLÂNDIA

2011

VICTOR LUIZ OLIVEIRA COSTA

**NEOLIBERALISMO EM QUADRO: O GOVERNO THATCHER
EM “V DE VINGANÇA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

UBERLÂNDIA

2011

VICTOR LUIZ OLIVEIRA COSTA

NEOLIBERALISMO EM QUADRO: O GOVERNO THATCHER

EM “V DE VINGANÇA”

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

Uberlândia, 21 de Março de 2011

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e todos. Agradeço a aqueles que cruzaram meu caminho ou com os quais eu cruzei o caminho, direta ou indiretamente, por bem ou mal, por amizade ou inimizade, por obrigação ou escolha própria, por acaso ou por indução.

Agradeço aqui à banca de professores que fez a análise do meu trabalho, Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl e Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini, por sua dedicação de tempo e intelecto, por suas palavras esclarecedoras e exposições extremamente construtivas. Agradeço ao meu caro orientador Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar, que dedicou horas, sabedoria, opinião e paciência com a minha pessoa, pelo apoio cedido e pela amizade com a qual me condecorou.

Aos meus amigos, firmes de si e sábios, que me motivaram e dedicaram várias idéias e opiniões para que meu trabalho crescesse e tornasse o que veremos aqui. Aos familiares que respeitam os rumos aqui tomados e fizeram parte do ânimo da geração desta escrita. Aos caros colegas e amigos de sala dos nossos aclamados cursos na Universidade de História, que aprendi as mais variadas facetas de estudo e personalidade. Agradeço ao meu grande amigo Hermes Machado por todo apoio dedicado à minha pessoa, nas horas mais fáceis e mais difíceis, em termos acadêmicos ou em termos de amizade.

Ao meu caro amigo Diogo Lemes, por ter cedido de bom grado várias das fontes bibliográficas. Agradeço à Anne Karoline, que por mais que os rumos tomados por nós sejam diferentes, me ensinou e confiou muito, e dedicou grande parte de seu ânimo e amor para a minha pessoa. Agradeço a grupo, do qual sou guardião inquestionável: Cauê, Rafael, Luiz Fernando, Cibele, André, Daphne, Ayla, Marcia e Victor Hugo.

Por fim, meus agradecimentos a todos que pousarem seus olhos em meu trabalho, presentes ou futuras gerações, e às suas reflexões.

“Tragam meu arco de ouro candente, tragam minhas flechas de desejo, tragam minha espada, ó nuvens que se desfraldam, tragam minha carruagem de fogo... Eu não cessarei minha luta espiritual, nem descansarei a espada em minhas mãos, até termos erguido Jerusalém nas terras verdes e aprazíveis da Inglaterra.”

- Monólogo da personagem “V”, referente ao poema *“And did those feet in ancient time”* de William Blake.

RESUMO

Alan Moore tem seu nome citado em diversas espécies de mídias sociais e estudos acadêmicos como um dos autores e roteiristas mais famosos da área das histórias em quadrinhos, reconhecidos tanto pela sua maneira de construção de narrativa, quanto pelo seu grande valor nas áreas de inovação e reconstrução de conceitos importantes dentro da área, como as formas de super-heróis, vilões, etc. Junto a isso, seu maior símbolo de identificação em suas obras é a crítica enfática e destemida, coligada a vários movimentos culturais aos quais o autor se aliou durante sua jornada, além do amplo valor representativo que as páginas criadas em seus trabalhos carregam.

Como uma das obras mais famosas, e amostra por excelência da capacidade de representação das histórias em quadrinhos, a nova literatura dos tempos, Alan Moore criou “*V de Vingança*”, onde uma Inglaterra pós-holocausto nuclear ressurgiu sob o poder de um partido autoritário e repressor, e onde um homem mascarado age até as últimas consequências para expor as vilanias de tal governo. História essa que nasce em um palco político neoliberal, onde um governo repressor das políticas sociais ganha cada vez mais força, sob a imagem da “Dama de Ferro” Margareth Thatcher. Dentre as linhas desse trabalho, serão expostos vários paralelos de análise sobre a biografia do autor, a Inglaterra e seu palco político-social, e a produção da obra analisada nesse trabalho.

SUMÁRIO

1. Introdução: HQs, representação e o espaço para uma nova literatura.....	8
2. Capítulo 1: Desenvolvimento Neoliberal e o Governo Thatcher.....	12
3. Capítulo 2: Alan Moore, criador e destruidor.....	22
4. Capítulo 3: “V de Vingança”, a obra.....	30
5. Considerações Finais.....	46
6. Bibliografia.....	48
7. Anexos.....	50
Anexo 1.....	50
Anexo 2.....	51
Anexo 3.....	52
Anexo 4.....	53
Anexo 5.....	54
Anexo 6.....	55
Anexo 7.....	56
Anexo 8.....	57
Anexo 9.....	58
Anexo 10.....	59
Anexo 11.....	60
Anexo 12.....	61
Anexo 13.....	62
Anexo 14.....	63

INTRODUÇÃO: HQS, REPRESENTAÇÃO E O ESPAÇO PARA UMA NOVA LITERATURA

Os séculos XIX e XX correspondem a épocas repletas de inovações no âmbito da tecnologia e nas inúmeras espécies de percepções experimentadas por todos, e que direta ou indiretamente implicam em novas organizações políticas, econômicas, culturais e sociais. Com essa base, e com apoio dos estudos de Raymond Willians, e as suas dissertações sobre o materialismo cultural, torna-se possível observar tais mudanças nas diversas produções que envolvem todas as esferas de existência da nossa História. Tomando por curso as obras artísticas e literárias, fica possível identificar representações e experiências vividas, emoções e aspectos das inúmeras práticas e vivências individuais e sociais de uma sociedade, e em um determinado tempo ou acontecimento.

O autor Raymond Williams cunhou seu estudo sobre a natureza e as relações que permeiam o meio social através da análise crítica, posição que foi fundamental para a ampliação dos estudos sociais e literários, e soma-se aqui o esforço na compreensão da cultura como mais uma forma de atuação em uma sociedade, formando assim a compreensão da mesma como algo envolvido por processos, determinantes históricos, sociais e econômicos. É importante aqui citar as próprias palavras do autor:

...a inserção das determinações econômicas nos estudos culturais é sem dúvida a contribuição especial do marxismo, e há ocasiões em que sua simples inserção é um progresso evidente. Mas, no fim, não pode ser uma simples inserção, pois o que se faz realmente necessário, além das fórmulas limitadoras, é o restabelecimento de todo o processo social material e, especificamente da produção cultural como social e material.¹

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Traduzido por Waltensin Dutra. São Paulo, Ed. Jorge Zahar, 1979. Pág. 140.

Dentro do grupo que se determina como “obras artísticas e literárias”, se inclui os trabalhos em quadrinhos, produções gráficas que, de acordo com Moacy Cirne em sua produção “A Explosão Criativa dos Quadrinhos”, existem no meio de produção cultural desde anos próximos ao fim do século XIX, onde vários jornais procuravam aumentar a tiragem utilizando de ilustrações para, ao mesmo tempo, complementar as notícias e chamar a atenção do público. Com o desenvolvimento de técnicas e enfoques diferentes para o uso das ilustrações, surgiram as histórias em quadrinhos (popularmente nomeadas pela sigla “HQ”), a partir das quais começaram a se aliar as ilustrações com as qualidades literárias, como a produção de diálogos extensos, narrativa, fundo histórico, entre outros.

Inicialmente, inúmeros estudos consideravam os trabalhos em quadrinhos como uma espécie de “sub-literatura”, com pouco ou desprovida de qualquer valor cultural, causa do pouco desenvolvimento intelectual das crianças e causa do aumento da delinquência juvenil. Porém, com a insurgência de novas bases metodológicas, novas pesquisas e métodos de estudo surgiram, estruturando a sua evolução e carga cultural, e problematizando-os a partir da relação entre sua reprodução técnica e o consumo como produto de venda. Pode ser citado aqui Moacy Cirne:

... são muitos os pólos, quer educacionais ou jornalísticos, quer comunicacionais ou artísticos, que se voltam para as raízes metalinguísticas, políticas, sociais e econômicas dos quadrinhos, testando as vertentes criadoras que se formam e os projetam no espaço-tempo gráfico das revistas e jornais.²

Assim como o cinema e a literatura ampliaram e criaram (cada um á sua maneira) parâmetros visuais, teóricos e políticos para a feitura e consumo da obra de arte, os

² CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1977, pág. 10.

quadrinhos trouxeram novas e mudadas perspectivas para a sua existência, contestando também as pré-existentes e tornando-se, nas palavras de Moacy Cirne, a grande literatura do século XX. Segue a paráfrase:

Evidentemente, além da importância ideológica e social, os quadrinhos registram uma problematidade expressional de profundo significado estético, tornando-se a literatura por excelência do século XX.³

Deseja-se nesse trabalho a análise de uma das várias produções em quadrinhos do século XX, chamada “*V for Vendetta*” (nome original da obra, traduzido no Brasil por “*V de Vingança*”), um trabalho escrito por autor britânico Alan Moore, e desenhado por David Lloyd. Tal análise pretende o estudo da época de produção da obra em vários aspectos, além da interpretação das inúmeras críticas e representações inclusas no conteúdo da obra, construindo assim um paralelo entre as várias temáticas abordadas por ela e o clima político/social/econômico na Inglaterra durante parte do governo de Margareth Thatcher

No primeiro capítulo “*O desenvolvimento neoliberal e a Era Thatcher*”, será feita uma abordagem sobre o panorama histórico, político e econômico que serviram de base para o surgimento das políticas de bem-estar social, o surgimento dos escritos e escolas teóricas que deram base ao neoliberalismo como forma política e econômica de organização do estado e seus argumentos em relação aos estados formados até o dado momento, além das influências dessa nova corrente de organização governamental para as várias políticas mundiais. Em sucessão, é feita análise das principais características do governo neoliberal liderado pela primeira ministra Margareth Thatcher, fazendo breve explanação sobre seu processo de eleição como membro representante do partido conservador inglês, e dando enfoque nas medidas e estimativas que sua plataforma de mandato estipulava para a mudança de um

³ CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1977, pág. 17.

“estado de bem estar social” para um “estado neoliberal”, suas ações enquanto responsável em primeira categoria do governo inglês, e as reações desencadeadas em resposta a essas ações em vários setores da sociedade.

O segundo capítulo “*Alan Moore: criador e destruidor*” faz uma análise da biografia do autor da obra-objeto desse trabalho, seguindo a linha de suas produções mais famosas e como elas foram recebidas no mercado das histórias de quadrinhos, ressaltando os diversos paradigmas quebrados e criados por ele. Também é trabalhado o conjunto dos vários movimentos sociais e artísticos dos quais Alan Moore fez participação, de que maneira a representação dos ideais, da sociedade, das parcelas sociais e das críticas as quais ele fazia a vários aspectos da sociedade contemporânea se tornaram peças-chaves para a compreensão de seus trabalhos.

Por fim, o terceiro capítulo “*V de Vingança: a obra*” faz uma análise mais aprofundada da produção do objeto desse trabalho, das relações de crítica e representação criadas pelo autor Alan Moore, e dos vários paralelos em relação à construção do enredo da história fictícia de “*V de Vingança*” com o período turbulento do governo Thatcher. Como apoio, são feitas explanações e citações de personagens da obra e são citados alguns trechos da mesma, os quais são referenciados à lista de anexos que se localiza ao fim dos demais escritos.

CAPÍTULO I - O DESENVOLVIMENTO NEOLIBERAL E O GOVERNO THATCHER

O Ano de 1929 é o marco principal do início do período chamado de “Grande Depressão”, a crise econômica mundial que só teve fim em tempos muito próximos ao final da Segunda Guerra Mundial. De um lado, o Estado norte-americano sofre, em grande importância, com a consequência da “bolha econômica” criada em sua Bolsa de Valores; e do outro a Europa ainda enfrenta os resquícios da Primeira Guerra Mundial, visto que seu terreno foi o palco da batalha, além das repercussões da grande quebra da Bolsa de Wall Street. Tal crise perdurou com força durante toda a década de 30, e é considerada a pior e maior recessão econômica já existente, e que gerou a queda do produto interno bruto de vários países e uma grande taxa de desemprego, e consequentemente, uma crise social. As críticas ao atual regime liberal de governo e economia não demoraram a surgir de forma impactante, tanto por parte da população trabalhadora, quanto em vias teóricas, onde vários estudiosos expunham suas visões sobre o caminho pelo qual andava o mundo pós-guerra.

Em resposta a essas dificuldades, surgiram inúmeras organizações dos países existentes para combater as marcas do tal período de crise, o que deu surgimento às políticas de bem-estar social, como por exemplo o “New Deal”, série de ações implantadas no governo norte-americano entre 1933 e 1937 pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, que previa tanto a reestruturação econômico-política dos EUA, como também uma série de apoios a outros países em crise. Autores, como sueco Karl Gunnar Myrda, escreveram defendendo a implementação dessas medidas, dizendo que as políticas sociais que começavam a surgir, eram criticamente diferentes das tentativas anteriores de remediar a pobreza surgida, e que na verdade eram investimentos que trariam a melhora do sistema que começava a mudar.

Na Europa deu-se surgimento aos Estados de bem-estar social, também chamados de “Welfare State” ou “Estado-Providência”, uma espécie de orientação política, econômica e social que coloca a nação como agente promotor social e responsável pela organização da economia. Essa espécie de organização se fortaleceu mais com a ampliação do conceito de cidadania, com a queda do Totalitarismo na Europa (Facismo, Nazismo, etc.) e a preponderância dos governos socio-democratas. Em sua base de princípios, qualquer indivíduo, e desde o início da sua vida e até o fim dela, tem o direito a um conjunto de itens e serviços que deveriam ser fornecidos diretamente ou indiretamente pelo Estado, através de sua regulamentação sobre a sociedade, como exemplo a educação, atendimento médico, renda mínima, entre outros.

Tal mira de ação tem o intuito da evolução da organização estatal em suas várias esferas através da melhora do bem estar social, ou seja, o aumento da produtividade de um país através da racionalização e organização da esfera social, em termos políticos e econômicos. À medida que o Estado faz o papel regulador e provedor, todas as medidas necessárias podem ser tomadas a fim de prover a melhoria da produção e trabalho, tendo em vista que são os membros das esferas sociais que são os responsáveis pela produtividade do país, e assim a melhora da vida do proletariado incide diretamente na melhora da organização e qualidade do Estado. Com essa nova estrutura para a população trabalhadora, surgiram vários movimentos de emancipação dos sindicatos trabalhistas, à medida que sua parceria com o Estado era necessária para que este último tivesse aplicação em seu papel regulamentador, o que fortaleceu de modo nunca antes visto os movimentos trabalhistas e sindicais. Segue aqui linhas do escritor Eric Hobsbawm sobre mudança político-econômica marcante do pós-guerra:

Todos queriam um mundo de produção e comércio externo crescentes, pleno emprego, industrialização e modernização, e estavam preparados para consegui-lo, se necessário, por meio de um sistemático controle governamental e administração de economias mistas, e da cooperação com os movimentos trabalhistas organizados, contanto que não fossem comunistas.⁴

A base teórica dessa nova mudança veio de pensadores como John Maynard Keynes, escritor do livro “Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda”, defendendo a capacitação e empregabilidade de todo contingente populacional como norte para a reestruturação da ordem econômica liberal, e que logo teve outros economistas aderindo à teoria, e tal processo ficou conhecido como Revolução Keynesiana. Apesar do que chamamos de “Estado de bem-estar social” ter sua insurgência coligada aos países escandinavos (Noruega, Suécia, entre outros), sua influência foi sentida em toda a Europa, e países como a Inglaterra, França e outros tiveram sua esfera social mudada por esse novo “clima”.

Mesmo com essa nova base se estruturando, críticas contra o Estado de bem-estar surgiram das mais diferentes parcelas da sociedade: o processo de regulamentação previsto para o governo ia contra as estimativas de “crescimento sem rédeas” do capitalismo emergente, além de fortalecer os sindicatos de maneira impressionante e colocando os empregadores em posição de estranha desvantagem em relação às leis trabalhistas. Os Estados, por sua vez, se viram pressionados por muitos lados: movimentos sindicais e greves se tornaram constantes em várias partes do mundo, e muito do capital indiretamente estava agora sobre o controle governamental, o que colocava investidores, empregadores e até teóricos a favor do total liberalismo em posição de discordância e pressão contra a nova vigência.

⁴ HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág. 268.

Já em 1944, foi escrito o texto *“O Caminho da Servidão”*, de autoria de Friedrich Hayek, que dissertava contra o Estado intervencionista, e foi chave teórica do que viria ser chamado de Neoliberalismo. Em data localizada no ano de 1947, com as bases do Estado de bem-estar bem espalhadas pela Europa, foi formada a Sociedade de Mont Pèlerin, uma convocação feita por parte de Hayek, onde se reuniam vários partidários do confronto levantado pela teoria de Hayek, e inimigos declarados da política intervencionista do “New Deal” norte-americano. Tal Sociedade era extremamente organizada e tinham encontros a cada 2 anos, tendo como propósito o combate direto à teoria Keynesiana e sua aplicação, o solidarismo enxergado nas novas organizações políticas e preparar o terreno para um capitalismo desvencilhado da regularização que havia crescido. O argumento da Sociedade era de que as posições que surgiam com o Estado de bem-estar atacavam exatamente a liberdade social e a força concorrente necessárias para uma sociedade próspera, e defendia que a desigualdade era um ponto positivo, pois fortaleceria a busca por um “melhor”, independente do aspecto.

As argumentações da Sociedade de Mont Pèlerin conseguiram mais espaço quando o modelo econômico que havia se desenvolvido entrou em crise em 1973, com o período de recessão pós-guerra do Vietnã e com o agravamento dos movimentos sindicais. Ambos os processos minaram os níveis de lucro das empresas, o que resultou num processo inflacionário que atacava cada vez mais a organização política de muitos países. O palco se tornou viável para o desenvolvimento gradual dos argumentos neoliberais, e durante a década de 70 muitos governos tomaram ao poucos uma posição de fortalecer o Estado através da meta emergencial de estabilidade econômica, que viria através da contenção de gastos com as políticas sociais, o desenvolvimento de uma taxa de desemprego como fonte de “mão-de-obra- reserva”, o enfraquecimento dos sindicatos e suas reivindicações salariais, e uma série

de reformas fiscais que reduziria os impostos sobre grandes rendas e incentivaria os agentes econômicos. Adiciono aqui palavras do autor Perry Anderson em seu texto sobre o pós-neoliberalismo:

A chegada da grande crise do modelo econômico do pós-guerra, em 1973, quando todo o mundo capitalista avançado caiu numa longa e profunda depressão, combinando, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo. A partir daí as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno. As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais.⁵

A situação ganha mais gravidade com a crise petrolífera que havia se iniciado em 1956 com uma série de processos de nacionalização de empresas de petróleo por vários países e o déficit de oferta do produto causado por vários conflitos que resultaram num aumento ainda maior dos preços do petróleo (como por exemplo, a Guerra dos Seis Dias em 1967). Outro fator que se soma aqui é a resolução dos EUA sobre o incremento de armas nucleares, em peculiar resposta à intervenção da URSS no Afeganistão, algo que veio a fortalecer ainda mais o ideal neoliberal, que tinha como uma de suas bases o anticomunismo a fim da via de verdadeira liberdade social e política, fortalecendo a atração ao neoliberalismo por parte de vários países.

Dos anos 79 e adentrando a década de 80, a teoria política neoliberal ganhou nome através de governos que abertamente se propunham adeptos desse molde, como exemplo o governo estadunidense do presidente Reagan iniciado em 1980, e o governo de Kohl na Alemanha a partir de 1982. Para a proposta desse trabalho que escrevo, é necessária a análise do período de governo da pessoa que foi considerada por muitos o maior ícone referente ao

⁵ ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995,

estado neoliberal, Margaret Thatcher, que foi eleita primeira-ministra na Inglaterra em 1979. Antes de se eleger ao cargo de liderança do país, Thatcher era membro do partido conservador inglês, ao qual foi apresentada pelo seu marido Denis Thatcher, em 1958. Já em 1959 ganhou seu lugar na chamada Câmara dos Comuns (a parte que retém mais poderes no parlamento inglês), e em 1961 recebeu a nomeação de secretária do Estado para Assuntos Sociais. Pouco tempo depois foi nomeada ministra da Educação e Ciência durante o governo de Edward Heath, líder até então do partido conservador inglês.

Enquanto esteve nesse cargo, Margaret Thatcher votou e formulou medidas políticas calcadas severamente nas teorias neoliberais e demonstrando importância nenhuma às críticas que recebeu, se focando numa espécie de ação governamental de extrema iniciativa. Uma de suas resoluções mais contestadas foi a retirada de uma normativa que obrigava a distribuição de leite nas escolas públicas, a fim de conter gastos destinados às políticas de bem-estar. Apesar da pressão popular contra as decisões da secretária Thatcher, a mesma foi considerada a política mais interventiva e “disposta” por seus colegas de partido e por alguns setores da população mais rica, que viam em suas medidas uma tentativa de trazer o início da melhora econômica da Inglaterra, portanto da melhora de todo o aparato governamental, visto que mesmo em um Estado de bem-estar no qual se encontrava o país, muito do serviço público se encontrava em processo de desgaste.

Em 1975, recebeu a liderança do partido conservador, substituindo o então líder Edward Heath, o que fortaleceu ainda mais sua posição à favor da teoria neoliberal. Thatcher elaborou um plano focado e rigoroso, em favor da reestruturação econômica, visando a redução da intervenção estatal, incluindo planos de privatização, reduzindo inúmeros benefícios que eram obtidos através das políticas sociais e criou normativas que enfraqueceu o poder do Conselho dos Salários (grande representante do partido trabalhista), o que

praticamente retirou a existência do salário mínimo. O apoio à sua plataforma de ação aumentou substancialmente, e em 1979 o partido conservador conseguiu maioria esmagadora na Sala dos Comuns, o que significava que o líder do partido seria nomeado primeiro-ministro, o que rendeu a Margaret Thatcher a posição de primeira mulher a ascender ao cargo de liderança da Inglaterra.

O governo que se instaurou então tinha base completa no neoliberalismo, e a maioria parlamentar permitia a inclusão de planos cada vez mais severos para a estruturação econômica que era pretendida, visando o total liberalismo. Visando a estabilidade financeira, diversas ações foram implantadas a fim de reduzir a inflação e aumentar de forma positiva a cotação da Libra Esterlina, o que resultou em contrapartida na quebra de vários bancos e empresas. Apesar das esperanças, a inflação durante os anos de 1979 e 1980 dobrou, vindo a retomar um patamar positivo apenas em 1981, e tal problema foi somado ao desemprego que aumentava cada vez mais, chegando a atingir o número de três milhões de desempregados, que agrava severamente as revoltas populares e greves sindicais. Adiciono aqui mais palavras do autor Perry Anderson:

O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida à indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água.⁶

⁶ ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pág. 12.

Em relação aos agravos das mudanças pretendidas pela base de governo conservador, Thatcher se mostrou irredutível, e enfrentou de modo enérgico as críticas e pressões vindas de vários segmentos da sociedade, o que lhe rendeu o nome de “Dama de Ferro”. Em 1979, por exemplo, a primeira-ministra acusou a política de distensão de Leonid Brejnev de ser um modo disfarçado do comunismo da Ex-URSS ferir os direitos individuais, e tal ataque foi respondido por Brejnev com uma série de “ofensas” políticas, com especiais destaques à plataforma de ação de sua via governamental. O embate entre os dois governantes resultou em uma opinião fervorosa de Thatcher contra o comunismo e a social-democracia, algo que já era fomentado pelas teorias políticas neoliberais das quais ela utilizava de apoio, e de certo ponto refletiu na escolha da primeira-ministra de intervir na Guerra das Malvinas, como meio de confronto aos socialistas.

Em 1984, a Inglaterra se tornou terreno de uma série de conflitos sociais: movimentos em prol das políticas de bem-estar, greves trabalhistas e movimentos sindicais exigindo reformas mais ativas no âmbito da produção e trabalho, movimentos quais foram repreendidos com dureza pelo governo britânico. Nesse mesmo ano, em outubro, Thatcher foi alvo de um atentado terrorista coligado a um grupo de republicanos irlandeses, onde tal ação era um rechaço armado em relação ao apoio da primeira-ministra à retenção da província irlandesa de Ulster pelo Reino Unido. Apesar da tentativa de assassinato, Thatcher saiu ilesa, e reforçou ainda mais suas medidas mais criticadas durante seu governo: a privatização de vários setores públicos (empresas do Estado, educação, saúde, núcleos de apoio social), o embate severo às teorias comunistas e sociais e o fortalecimento das legislações antiterroristas, visto o caso do atentado.

Sua reeleição em 1987 ocorreu em um palco social completamente desfragmentado e conflituoso, e sua margem de vitória foi determinantemente menor do que na eleição passada,

tanto do ponto de vista popular quanto ao apoio dentro do próprio partido, o que já indicava uma necessidade de mudança no âmbito reacionário que o governo britânico havia adquirido. O marco principal da retirada de Thatcher do governo inglês foi a criação do imposto regressivo (taxação onde as menores rendas pagam mais em relação às maiores rendas), que foi respondida com mais resistência popular e que diminuiu em grande valor o seu apoio dentro do próprio partido. Além deste, é importante citar a grande pressão local e internacional que Thatcher e o governo conservador receberam em 1988 com a aprovação da “Seção 28”, uma normativa baseada nas discussões e opiniões da parcela cristã e dos moralistas extremistas dentro do parlamento que proibia a menção ao homossexualismo que não fosse depreciativa ou negativa, normativa a qual foi implantada como base no ensino e que regulou a exposição de inúmeras informações dentro das escolas, bibliotecas e postos de atendimento ao público. Em resposta à decisão do Parlamento, inúmeros movimentos artísticos e populacionais foram organizados, e a tensão só diminuiu em 2000, com a remoção da “Seção 28”.

Os governos que vieram a seguir mantiveram certos resquícios da Era Thatcher, mas aos poucos foram buscando mudanças a fim da resolução dos numerosos conflitos dentro da Inglaterra e do palco político-econômico da Europa. Exemplos disso são o sucessor, John Major, que definiu ações políticas a fim da retirada do imposto regressivo; e o primeiro-ministro Tony Blair, que em 1999 restaurou a existência do salário mínimo.

Como pode ser entendido, a Inglaterra foi ambiente de uma tensão política, econômica e social crescente com a mudança de um Estado de bem-estar para um governo de estrutura neoliberal. Impactos podem ser sentidos durante toda a trajetória do período de 1944 até os dias atuais, os quais receberam resposta das várias esferas existentes em uma sociedade moderna. É possível, sem sombra de dúvida, analisar as influências de um período repleto de

mudanças como esse em várias leituras e produções de época, a maneira pela qual os choques e conflitos emergentes ao neoliberalismo são representados, independente do seu tipo, e é exatamente nesse caminho de análise que esse trabalho pretende cursar, tomando como objeto o trabalho do autor Alan Moore, e sua obra, "*V for Vendetta*".

CAPÍTULO II - ALAN MOORE: CRIADOR E DESTRUIDOR

Uma busca bem direcionada irá revelar, sem sombras de dúvida, a importância do trabalho de Alan Moore para o avanço das histórias em quadrinhos e da literatura especializada na área, onde o autor é citado em vários trabalhos monográficos, artigos e ocupa lugares de destaque em enciclopédias. Existem também três livros escritos exclusivamente sobre o autor, sendo um deles intitulado “*Alan Moore*”, obra de Lance Parkin; outro intitulado “*Alan Moore: Portrait of an Extraordinary Gentleman*”, escrito por Gary Spencer Millidge, e por último o intitulado “*Alan Moore’s Exit Interview*” do autor e jornalista Bill Baker.

Ao lado de outros escritores, citando aqui Frank Miller e Neil Gaiman, Alan Moore é considerado um dos responsáveis pela contínua mudança do “como” a história em quadrinhos tornou a ser visto e escritos no século XX, aos poucos perdendo a produção exclusiva para o público infanto-juvenil, passando a ser vista também com direção ao público adulto, processo o qual tem sua continuidade sentida até hoje, já que tal abertura iniciou a sua comercialização em livrarias, locais de comércio onde raramente eram vistas. Com ávida leitura e apoio dos livros bibliográficos, reportagens e artigos sobre o autor (como por exemplo, o artigo do blog “*Omelete*”⁷, fonte indispensável para a construção da linha biográfica e bibliográfica escrita à seguir), é possível uma análise substancial do passo trilhado pelo autor durante sua carreira.

Alan Moore nasceu em Northampton, cidade industrial que fica situada entre Londres e Birmingham, sendo o filho mais velho do casal Ernest Moore (empregado de uma cervejaria e Sylvia Doreen (tipógrafa), e cidade na qual reside até hoje. Vivendo em uma família de operários, marcado pela pobreza da época e residindo em uma casa em condições

⁷ VERGUEIRO, Waldomiro. **Alan Moore: Biografia e obra comentada**. Artigo biográfico disponível em <http://www.omelete.com.br/quadrinhos/alan-moore-biografia-e-obra-comentada/> - Acessado em 14 de Outubro de 2010.

precárias de moradia, teve seu primeiro contato com os quadrinhos norte-americanos quando tinha 7 anos de idade. Foi expulso de um colégio conservador aos seus 17 anos por uso de drogas, e uma carta redigida pelo diretor à todas as escolas e universidades do sistema público fez com que nenhuma outra instituição de ensino do sistema o aceitasse novamente, deixando-o em 1971 desempregado e sem qualquer qualificação profissional. Para sua subsistência, dedicou-se a uma série de ocupações menores, onde em uma delas se aproximou ao mundo das produções gráficas, atuando junto com amigos na revista chamada *Embryo*, que mais tarde o aproximou do Laboratório de Artes de Northampton em 1974. Nesse meio tempo, trabalhou em vários projetos não remunerados, os quais ele cedeu para revistas de pequena tiragem, jornais e produção independente, e entre estes trabalhos estavam títulos como “*Anon*”, “*Black Street Bugle*” e “*Dark Star*”.

Já em 1979, Moore começou uma série de trabalhos remunerados para duas revistas de música britânica, onde uma delas foi para a revista “*NME*”, produzindo ilustrações de Malcolm McLaren e Elvis Costello. Já a outra foi publicada na revista “*Sounds*”, exercida como cartunista pelo pseudônimo de Curt Vile, onde retratava a história de um detetive chamado Roscoe Moscou, já utilizando de uma temática mais atual e com enfoque político-social através de uma sátira misturando música, guerra nuclear, fascismo e invasões alienígenas. No mesmo ano, Alan Moore também escreveu e desenhou para o jornal da cidade “*Northants Post*”, produção na qual fazia pelo pseudônimo Jill de Ray a tira “*Maxwell The Magic Cat*”, algo parecido com um “*Garfield às avessas*” com tema direcionado a assuntos como greves, protestos e temas mais cômicos (como problemas com pulgas), fazendo assim roteiros com mais enfoque ao ambiente no qual a Inglaterra de 1979 tinha.

Mais tarde, concluiu que seu trabalho como ilustrador não o satisfazia, e resolveu tomar enfoque à escrita e produção de roteiros, onde fez suas primeiras contribuições nas

revistas “*Doctor Who Weekly*” e “*Star Wars*”, produções em quadrinhos no gênero de ficção científica que eram vendidas na Inglaterra pela editora Marvel Comics britânica. Logo depois, contribuiu com outra produção do gênero chamada “*2000 A.D.*”, outra revista semanal de gênero similar à citada anteriormente, produzida pela ICP Magazines. Já nesta, foi responsável por várias séries de sucesso, apesar das limitações de números de páginas e fascículos as quais devia respeitar. Uma das mais destacadas era “*A Balada de Halo Jones*”, que foi publicada entre 1984 e 1985, onde era retratado um futuro tecnológico de severa segregação social, onde existe a casta das pessoas que tem todos os direitos e a casta baixa de pessoas sem direitos. Para estes últimos, sobra a escolha de lutar por qualquer coisa ou se unir a um grande grupo de pessoas que perdem a consciência ativa ouvindo uma incessante música hipnótica. A protagonista da história, após se retirar em uma viagem pelo espaço em procura de felicidade, autoconhecimento e fuga de uma Terra decadente, descobre que a única chance de emprego e sustento é o trabalho como oficial do exército terráqueo, que se envolve repetidas vezes em conflitos contra outros planetas.

Na mesma Marvel Comics em que trabalhava com os roteiros para a “*Doctor Who Weekly*”, Moore fez um trabalho paralelo regular onde assumiu o roteiro da revista “*Captain Britain*”, iniciado em 1982. Com o seu trabalho em ascendência, conseguiu espaço na revista “*Warrior*”, onde Moore tinha uma maior liberdade de criação que antes não existia em mesmo nível nas outras revistas, o que lhe permitiu fazer a releitura de um herói dos quadrinhos da década de 50 chamado “*Marvelman*” (depois renomeado de “*Miracleman*” por motivos de direito autoral). Junto ao renomeado “*Miracleman*” foi iniciada a publicação de “*V For Vendetta*” (que será interrompida após 13 edições), e apesar da diferença temática entre elas, essas se tornaram as produções que demonstraram a capacidade de Alan Moore como criador e roteirista, o que lhe rendeu o prêmio British Eagle Awards como Melhor

Escritor de história em quadrinhos dos anos de 1982 e 1983, além de fazê-lo ser conhecido como roteirista renomado fora da Inglaterra.

O reconhecimento que recebera nos EUA, junto com o sentimento de desgosto em relação ao palco social estressante e violento que se agravava com o governo conservador e suas medidas contra o bem estar populacional e a recessão econômica que viera em resposta à crescente taxa de juros, fez com que Alan Moore buscasse novas chances no mercado estadunidense. Com a oportunidade de trabalhar dentro da indústria norte-americana (que já tinha em destaque grandes editoras como Marvel Comics e DC Comics) começou a trabalhar com o roteiro de *"The Swamp Thing"* (traduzido como *"O Monstro do Pântano"*), criado originalmente por Berni Wrighton e Len Wein, trabalho no qual revolucionou a criação original com roteiros de temas pesados, como controle de armas, mercado negro, lixo nuclear, racismo, entre outros. Tornar as histórias mais sérias e sombrias fez com que a tiragem subisse de 17 mil para 100 mil vendas mensais. Em trabalho paralelo, foi responsável pelo roteiro de *"Tales of the Green Lantern Corps"*, *"Vigilante"*, e várias histórias para personagens famosos da DC, como Batman e Superman (traduzido como Super-homem), pelos quais teve grande reconhecimento e foi considerado um dos maiores roteiristas a trabalhar com esses personagens. Entre estas, cito *"Batman: A Piada Mortal"*, escrita em 1985 e publicada em 1988, uma das mais aclamadas histórias do universo de Batman, onde foi feita uma repleta leitura da personalidade do protagonista, e também de seu arquiinimigo Joker (traduzido como Coringa), que se apresenta muito mais insano e perigoso, além de um roteiro de drama muito mais denso e adulto do que várias produções anteriores do mesmo herói. Ainda nesse período, outro sucesso destacado foi o personagem John Costantine, criado em histórias esporádicas nas revistas da DC Comics, mas que pelo sucesso arrecadado ganhou sua própria publicação, onde tratava de temas como ocultismo, demonologia, e assim por

diante. No mesmo ano de publicação de *"Batman: A Piada Mortal"* foi dada continuidade e concluída a série *"V for Vendeta"*, depois da falência da revista *"Warrior"*, se tornando outro clássico dos quadrinhos modernos, e encerrando as contribuições do autor para grandes revistas e editoras.

Iniciando em setembro de 1986 e terminando em outubro de 1987, Alan Moore publica as doze revistas que formaria a série chamada *"Watchmen"*, outro dos trabalhos que gerou o reconhecimento e renome como um dos maiores autores de história em quadrinhos, além de ser considerado um "clássico", um marco na história dos quadrinhos norte-americanos principalmente pela nova estrutura de "super-heróis" que ele propôs. Além disso, é outro trabalho o qual fica bem claro a influência da esfera social-política do país em destaque (no caso os EUA), as eminências que existiam no panorama internacional e como repercutem na construção da obra. A série retrata um tempo dos Estados Unidos da década de 80 como se existissem super-heróis, com grandes poderes ou apenas humanos vigilantes bem treinados e armados, e como isso influenciaria em um período de divergências políticas internas e externas e com uma guerra à beira do desfecho, no caso sendo a Guerra do Vietnã. Na narrativa que segue, as divergências populares dentro dos EUA seriam apaziguadas pelos heróis existentes, e sua presença seria fato decisório na vitória na Guerra, e a manutenção do presidente Richard Nixon como líder do país, fato que tem repercussão tempos depois quando os heróis começaram a ser eliminados e colocados em prova, enquanto o governo dos EUA agrava negociações tênues com a URSS, sugerindo um desfecho da Guerra Fria em um cataclismo nuclear.

A partir de 1989 os projetos de Alan Moore tomaram o ramo da independência, porém muitos deles ficaram inconclusos, mas com uma amostra muito maior da vertente escolhida pelo autor, à medida que não havia mais limitações editoriais, e nesta fase as séries

completas e que receberam prêmios foram “*Small Killing*” e “*From Hell*” (traduzido como “*DoInferno*”), onde o último retrata uma minuciosa investigação dos assassinatos de “Jack, o Estripador” na Inglaterra da era vitoriana. Ainda em 1989 em crítica à Cláusula 28 (ou Seção 28, dependendo da tradução), às opiniões e ações anti-homossexuais de Margaret Thatcher e do governo conservador, Moore colaborou com entidades GLS para a produção de um trabalho chamado “*Mirror of Love*”, um poema em forma de quadrinhos e com a temática voltada às relações entre humanos de mesmo sexo, trabalho o qual fez parte do movimento intitulado “AARGH!” (sigla para “Artists Against Rampant Government Homophobia”, traduzido como “Artistas Contra a Homofobia Governamental Exaltada”).

Moore recebeu o convite para publicar suas histórias sob um selo desligado das editoras em 1999, que recebeu o nome de America’s Best Comics (ABC). Dentre os vários trabalhos sob este selo, um dos mais aclamados é o “*The League of Extraordinary Gentlemen*” (traduzido como “*A Liga Extraordinária*”), onde a narrativa conta sobre um grupo de super-heróis formado por várias personagens famosas da literatura inglesa é reunido para enfrentar catástrofes mundiais, muitas delas baseadas em histórias da literatura, como por exemplo, a invasão dos homens de Marte. Pela qualidade em toda a obra e referências que faz à literatura inglesa (e que são em um número enorme, passando das centenas), essa série foi outra muito bem aclamada, apesar de sua demora para conclusão. Outro trabalho muito bem conceituado é a série chamada “*Top Ten*”, que detalha o dia-a-dia de um grupo de policiais de uma cidade onde todos os seres vivos pensantes têm super-poderes (nisto incluso os próprios policiais), e que está repleta de referências sérias e satíricas ao mundo dos quadrinhos da indústria norte-americana. As duas últimas obras citadas nesse parágrafo, junto com as já mencionadas “*Watchmen*” e “*V for Vendetta*” são criações que demonstram a releitura e reconstrução feita por Alan Moore em relação aos heróis de quadrinhos, uma crítica tanto à

criação e desenvolvimento que eles recebem, quanto ao mercado norte-americano, o qual Moore pensa não ter intenção de apontar para trabalhos críticos ou com profundidade de roteiro e personagens.

Nos tempos mais atuais, as criações de Alan Moore passaram pra outro ramo da arte, tendo sua prioridade para a escrita de romances e apresentações teatrais, e como roteirista ele continuou escrevendo para outras editoras, mas sem criar personagens próprios, voltando a vários projetos que continuavam em andamento ou haviam sido interrompidos, mas ainda assim desligado das grandes marcas editoriais. Dentre os romances que escreveu, destaco o chamado "*Voice of Fire*" (traduzido como "*A Voz do Fogo*") por ser um dos mais aclamados e pela narrativa que toma novamente parte das vivências do autor, onde no caso ele toma o ponto de vista de vários personagens sobre a história da sua cidade natal Northampton, e a cada capítulo uma nova personagem sem ligação com a anterior faz sua narrativa em primeira pessoa, com suas observações e experiências sobre a cidade que também vai evoluindo a cada capítulo, saindo de cinco mil anos atrás e terminando no último capítulo onde quem narra é o próprio Alan Moore, falando sobre a Northampton de momentos mais atuais.

A análise da trajetória do autor como escritor, roteirista e desenhista demonstra como seu trabalho se desenvolveu durante o tempo de atuação, e quanto ele representa dos períodos e situações os quais ele participa e remete, do quanto do recurso representativo é utilizado na sua construção e como tanto o trabalho do autor apreendem e demonstram suas vivências nas quais estão inseridos. Exemplos claros estão desde o início da carreira de Alan Moore, enquanto desenhava tiras de quadrinhos repletas de referências às situações corriqueiras da Inglaterra da época, como a repressão social, as várias greves que eclodiam durante o governo conservador e a recessão econômica; e continua podendo ser visto em vários de suas obras, seja em crítica à estrutura econômica e social dos EUA, seja em crítica do universo dos

quadrinhos cheio de super-heróis extremamente poderosos e deficientes em humanidade, histórias praticamente intermináveis ou personagens que ressuscitam e agem de formas completamente “Deu Ex Machina”. Alan Moore é um pensador crítico, expondo suas opiniões em uma vastidão de publicações durante seus anos como roteirista e escritor, e com o contexto histórico já apresentado, junto com uma exposição e análise das principais publicações do autor e de seu modo de representação, podemos fazer um paralelo entre as duas peças-chave desse trabalho.

CAPÍTULO III - V DE VINGANÇA, A OBRA

Estamos em 1988 agora. Margaret Thatcher está entrando em seu terceiro mandato, e fala confiante em uma liderança ininterrupta dos conservadores no próximo século. Minha filha caçula tem sete anos, e um jornal tablóide acalenta a idéia de campos de concentração para pessoas com AIDS. Os soldados da tropa de choque usam visores negros, bem como seus cavalos; e suas unidades móveis têm câmeras de vídeo rotativas instaladas no teto. O governo expressou o desejo de erradicar a homossexualidade até como conceito abstrato. Só posso especular sobre qual minoria será alvo dos próximos ataques. Estou pensando em deixar o país com minha família em breve. Esta terra está cada vez mais fria e hostil, e eu não gosto mais daqui! – Alan Moore.⁸

Como dito anteriormente, “*V de Vingança*” foi uma produção com roteiro de Alan Moore e desenho de David Lloyd, que teve sua publicação datada entre 1982 e 1983 em vinte e seis fascículos em preto e branco, sendo interrompida com a falência do selo “*Warrior*” de produções em quadrinhos e retornando a ser publicada em 1989 pelo selo “*Vertigo*” pertencente a DC Comics, onde foi feita uma tiragem de 10 edições contando com o trabalho artístico de Steve Whitaker e Sidbhan Doods. Considerando a extensão do intervalo de tempo para a finalização, o plano original de roteiro recebeu mudanças até o seu retorno de publicação, estando a série completa no final de 1989.

No Brasil, a publicação se deu em cinco edições coloridas pela editora Globo também em 1989, uma produção de dois números em preto e branco pela Via Lettera em 1998 e uma edição encadernada em volume único pela Panini Comics, este qual foi o primeiro que li e utilizei para este trabalho. O mesmo apresenta um total de 305 páginas, e é dividido em três tomos, sendo o primeiro dividido em dez capítulos, o segundo em quatorze, e o terceiro em onze. Os trabalhos extras presentes após o terceiro tomo são esboços e desenhos promocionais de autoria de David Lloyd, além de duas curtas histórias que estavam presentes na produção original da editora Warrior. Elas estavam inclusas como interlúdios para a trama principal,

⁸ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, pág. 8.

demonstrando outras ambientações e personagens, mas não são consideradas como capítulos essenciais para a narrativa, estando presentes na edição especial da Panini Comics para preservar a integridade da obra. Ainda entre o conteúdo adicional são apresentados dois textos introdutórios escritos por Alan Moore e David Lloyd inclusos desde a primeira impressão sob o selo da “Vertigo”, um artigo escrito por Moore sobre a sua obra que foi publicado na “Warrior #17” e uma parte intitulada “Notas e Comentários” onde são situados várias referências e frases utilizadas durante a história.

O enredo expõe uma Inglaterra resultada após uma hecatombe nuclear: a criação do Sindicato Solidariedade na Polônia quebrava o modelo de socialismo russo que se expandira, já que esse sindicato era livre e desligado de qualquer movimento reivindicatório. A resposta dos russos, em 1987, foi a entrada no território polonês, e o apoio ao golpe militar levantado pelo poder governamental. A teoria que pode ser levantada é de que a quebra da hegemonia socialista russa pudesse ser de agrado aos EUA, que exigiram a retirada dos exércitos russos, com a ameaça de bombardeio. Levanto essa idéia, baseada nas falas da personagem Evey:

Claro! Eu tinha sete anos, mas não esqueço quando o rádio deu a notícia. Meu pai falava pra minha mãe não se preocupar, mas ele tava apavorado. Alguma coisa sobre a **Polônia** e os **russos**... O Presidente Kennedy disse que ia usar a **bomba** se eles não se retirassem. Foi o que meu pai disse.⁹

Na década lembrada pela personagem e dentro do enredo da história, o Partido Trabalhista havia vencido as eleições, onde até então a Inglaterra era terreno de mísseis nucleares norte-americanos, do mesmo modo que Cuba em 1962, situação que mudou quando o partido eleito trabalhou para a retirada das ogivas do terreno britânico. A crise na Polônia, pelo que é descrito na história da obra, foi o “estopim” para uma guerra entre EUA e URSS, e

⁹ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Um, Capítulo 3, página 29. – Referência em Anexo 1.

suas repercussões foram sentidas em todo o planeta, e por não possuir mais silos atômicos ou ogivas em seu território, a Inglaterra não é visada como alvo dos dos bombardeios, porém sofre os impactos indiretos da guerra: o clima mundial mudou radicalmente, as produções alimentícias foram perdidas, não havia apoio de nenhum país europeu, já que o resto do continente também havia sido alvo do bombardeio nuclear (diretamente ou não) e a estrutura financeira decaiu pela impossibilidade de comércio externo. Dentro do território inglês, cidades são destruídas pela ação do clima hostil, e a desestruturação econômica, política e social começa a refletir nas estruturas restantes do setor urbano: o saneamento básico passa a praticamente inexistir, os dejetos passaram a não ter controle e doenças começaram a se espalhar.

Tumultos por parte da população eclodiram, o governo perdeu força, e as ruas eram agora territórios de gangues e facções que procuravam tomar o poder. Em 1992, uma coalizão de ordens facistas se uniram às grandes corporações ainda existentes no território inglês, formando a “*Chama Nórdica*” e tomou o poder, instaurando um governo autoritário, assim como as ordens que o compunha. Forma-se um domínio pelo medo e força, coloca-se a censura, sanciona-se os direitos civis, instaura a vigia forçada e o controle dos cidadãos, e rechaça qualquer oposição, seja atuante ou apenas “possível”. Outro destaque, ainda falas da personagem Evey sobre a ação do partido:

Eu lembro quando eles marcharam sobre Londres carregando uma bandeira com o seu símbolo. Todo mundo tava contente. Eu senti **medo**. Eles logo controlaram tudo e começaram a levar pessoas embora. Primeiro os pretos e paquistaneses... Depois os brancos, todos os radicais e os homens que, você sabe, gostam de outros homens... Os homossexuais. Eu não sei o que foi feito com eles. Meu pai fez parte de um grupo socialista quando jovem. Levaram ele numa manhã de Setembro de 1993...¹⁰

¹⁰ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Um, Capítulo 3, página 30. – Referência em Anexo 2.

Fica bem claro o paralelo possível dessa “Inglaterra facista” descrita pela personagem para a Inglaterra conflituosa do governo Thatcher: a nova base neoliberal enfraquecera a estrutura de serviço social através da privatização, reduzindo o acesso a inúmeros serviços públicos antes servidos pelo governo, colaborou com um contingente de desemprego que alcançara um número nunca antes visto no país e desarticulou as reivindicações sindicais trabalhistas. Além disso, o governo Thatcher demonstrou um embate enérgico contra o socialismo e comunismo, como foi exemplificado pela Guerra das Malvinas contra a Argentina, e ao homossexualismo, que foi taxado até como assunto a ser excluído de qualquer maneira pela Seção 28. Tal reacionismo por parte do governo conservador também pode ser notado no modo em que foi combatido os movimentos sociais, onde os trabalhistas eram rechaçados e os apoiadores das políticas sociais ignorados, além do uso da força policial afim de dismantelar tais movimentos.

A narrativa se inicia em 1997, após a desativação dos campos de readaptação, o governo ditatorial instaurado, e a população complacente com a situação. O núcleo desse governo é “A Cabeça”, que é formada pela “Boca” (a mídia e responsável pelos anúncios, e pela imagem pública), o “Nariz” (investigação), o “Ouvido” (vigia da opinião pública através de escutas), o “Olho” (vigia dos cidadãos através de câmeras espalhadas por toda Inglaterra, inclusive nos lares), e o “Líder” (como o próprio nome diz, o cargo mais alto da organização). Nesse cenário de ditadura e totalitarismo surge alguém que se identifica pelo codinome “V”, sendo essa personagem um fugitivo do Campo de Readaptação Larkhill, vestido em roupas escuras e usando uma máscara de Guy Fawkes, personagem da história inglesa responsável pelos barris de pólvora que seriam usados na explosão do parlamento na “Conspiração da Pólvora”, em 1605.

Assim como Guy Fawkes, “V” também utiliza de atentados terroristas, e ataques diretos aos membros do partido vigente que também fizeram parte do programa de experimentos dos “Centros de Readaptação”, não só apenas para sua vingança pessoal mas antes de tudo para findar a base do poder instaurado. Além dos ataques, “V” utiliza de planos elaborados, e de vários recursos para divulgar um ideal reacionário, iniciando assim uma campanha contra o facismo ao qual a Inglaterra está submetida, incitando o povo contra o poder. Movido pelo ideal e encarnando em si a idéia da liberdade desse regime facista, a obra inteira é marcada por trechos e falas da literatura clássica, como Willian Blake, Willian Shakespeare e Willian Butler Yeats Stones, o que dá uma imagem épica e encantadora ao enredo que se desenvolve.

Dentre os alvos de Codinome “V”, duas grandes construções inglesas são destruídas nas primeiras partes da obra, em ordem cronológica: as casas dor Parlamento e Corte Criminal Central (chamada de Old Bailey). Ao meu ver, fica clara uma crítica severa aos valores de ambos, e ao que eles significam no momento, tanto dentro do enredo de “*V de Vingança*” quanto fora, na Inglaterra conservadora, um governo o qual Alan Moore nunca escondeu sua posição contrária e uma justiça que, aos olhos dele e de David Loyd, não traz justiça nenhuma. Tal parte é ilustrada com um grande e elaborado discurso da personagem “V”, num diálogo entre ele e “Madame Justiça”, a representação feminina e humanizada da justiça em si.¹¹ Desde já vejo importância em chamar foco na escolha da máscara de Guy Fawkes como feição para a personagem V, visto que nos primeiros esboços e idéias de Alan Moore a personagem não tinha rosto, apenas uma máscara completamente branca. Tal escolha foi baseada numa opinião de David Loyd sobre a aparência do protagonista selecionado para

¹¹ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Um, Capítulo 4, páginas 41 à 43. – Referência em Anexos 3, 4 e 5.

história, e em uma carta contento os esboços¹² de desenho de Loyd, o mesmo fala sobre como ao invés de lembrar Guy Fawkes como traidor e comemorar a data de sua execução, era muito mais devido vê-lo como visionário e herói pela sua tentativa de atentado ao Parlamento. Tendo em vista a narrativa que criara e a idéia inusitada de seu amigo, Alan Moore resolve atribuir à personagem V a mesma máscara que é colocada em bonecos de pano quando comemoram o malhamento do Fawkes na Inglaterra, deixando aqui bem clara a referência dessa escolha como primeira crítica (talvez não tão velada) do autor da obra quanto à função do Parlamento e o resto do governo inglês, tendo em vista os tempos pelos quais o país passava.

Considerando a breve descrição do enredo feita anteriormente, é coerente afirmar que a maior foco representativo da obra está na apresentação das personagens envolvidas e de como elas agem durante as várias páginas de história, mas há de ser relevado que a leitura minuciosa de cada personagem daria várias espécies de artigos acadêmicos que pudessem ser utilizados. Levando em conta as várias possibilidades representativas que existe na análise proposta aqui, creio que seja interessante uma divisão de aspectos representativos variados em relação às “esferas de reflexão” que podem ser notadas quando cruzamos a leitura de “V de Vingança” e as várias complexidades que permeiam os principais anos do início do governo Thatcher.

No que irei denominar “esfera política”, temos nos primeiros momentos do Governo Thatcher uma Inglaterra que se vê em uma ascensão no mundo capitalista no qual pretende participar, onde o fortalecimento do poder econômico e político eram necessários, e isso veio através de uma postura agressiva e irrevogável. Portanto, um poder político que se formou em bases neoliberais e com forte apoio dos membros monetariamente favorável da sociedade,

¹² MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo 1, Capítulo 2, páginas 276 e 277

visto as aberturas econômicas e políticas as quais fariam bom uso para seus meios de trabalho, e da própria Igreja Inglesa, a qual detém forte poder de influência política no Parlamento.

No enredo de *“V de Vingança”*, várias são as personagens e situações que demonstram o palco representativo para o ponto de vista que expus no parágrafo anterior, onde a maior parte delas tem uma ligação direta ao governo fascista que configura a Inglaterra fictícia de Alan Moore. Apesar de não ser um governo neoliberal, o partido “Chama Nórdica” constrói um palco político onde o favorecimento social surge apenas aos mais próximos da cúpula de comando, e assim como o governo Thatcher ele também restringe as políticas de “bem-estar” e pauta uma nova linha de pobreza: as pessoas ganham pouco e vivem com pouco, trabalhando em empresas e fábricas coligadas ao poder vigente, enquanto as empresas que recebem a abertura do governo e os de maior poder aquisitivo pagam menos impostos e recebem mais subsídio.

Assim, é possível ver que o crescimento do país descrito na obra é algo que se baseia em um discurso de união e grandeza do povo, algo que relembra muito os discursos de Margareth Thatcher. Mas é para poucos que essa grandeza se torna realmente promissora, e a pressão de mudança que veio com o novo governo foi sentida de maneira mais contundente na população que se via assegurada nos propósitos do “bem-estar”, e junto com essa as minorias que foram taxadas pelas medidas aprovadas pelo governo Thatcher, e tem como exemplo mais forte as medidas educacionais que proibiam a referência ao homossexualismo de forma que não fosse negativa.

Somo a essa linha de raciocínio as posições vigorosas tomadas pela primeira ministra na intervenção de disputas territoriais entre países e pelas políticas que visavam diminuir o número de imigrantes dentro do solo britânico, políticas que se tornavam mais comuns desde os primeiros conflitos na Irlanda. Desde então o processo de marginalização da

sociedade, a formação de bairros de baixo poder aquisitivo aumentou de forma nunca antes vista na Inglaterra, e Moore faz compreensíveis alusões a essa posição do governo vigente ao retratar os vários pacientes que eram encarcerados no campo de concentração Larkhill (sendo o protagonista “V” um dos reclusos), e quando retrata a idéia de existência de vários outros campos de concentração, além da apresentação da personagem Evey em condições de baixa renda. O ambiente criado nesse palco social instável criou até uma série de notícias sensacionalistas, muitos deles dando como intencionais o isolamento de certas minorias sociais, como foi exposto pelas palavras escritas de Alan Moore que abriram esse capítulo.

É de grande importância lembrar que o início da década de 80 teve grandes marcas por ser palco da Guerra Fria, e isso pode ser considerado fator participante na tensão social que crescia, lembrando também que os primeiros anos de governo Thatcher se tornam tempos de uma presente repressão social e de mídia, com medidas de combate a certas idéias condenadas pelo modo operante dos nomes responsáveis por este governo (como exemplo o homossexualismo), e onde repressão policial se torna muito mais presente contra os movimentos sociais de mudança contra as sanções que passaram a existir, além dos claros apoios e intervenções do governo inglês em conflitos externos que aconteciam na época, indicações que me mostram a importância de se pensar a possibilidade de um existente e crescente medo entre os membros da população inglesa sobre o futuro que poderia resultar de uma sequência de acontecimentos como estes. Torna-se relevante essa indicação ao que se faz referência ao palco “pós-guerra” no qual a Inglaterra de Alan Moore é construída, onde o partido “Chama Nórdica” faz sua subida política contando também com o apoio de uma população em temor aos resultados do holocausto nuclear que ocorreu dentro da linha de tempo fictícia narrada por Alan Moore (sendo pra ele o desfecho da Guerra Fria que já vinha

acontecendo), em um palco de um descontrole nas ruas causado pela vertiginosa recessão econômica, onde a medida à punhos de ferro se fez justificada.

Considerando o ponto exposto no parágrafo anterior, torna-se importante a ligação das relações sociais que Moore utiliza como elementos de descrição das tensões que permeiam as bases de surgimento e direção de decisões do governo britânico conservador (em ambos os mundos), mas não só como tal. Tais relações descrevem também as parcelas da população que Moore deseja identificar em sua obra. No que denomino “esferas sociais”, são feitas muitas referências diversas às reações desencadeadas pelo desenvolvimento do governo inglês até a década de 80, dessa vez por parte da população, porém é válido ressaltar que não apenas representações de bases sociais que participaram de alguma forma para o fortalecimento do partido conservador, mas também parcelas da sociedade as quais sua existência ficou mais evidentes à medida que o governo Thatcher se fixa na Grã-Bretanha.

Várias personagens, cada uma em seu jeito, são representantes a meu ver de uma ou mais partes dessa população: a já citada anteriormente: Evey é uma garota de 16 anos, órfã, que trabalha para a fábrica de munições situada em Londres, e que na tentativa de aumentar o pouco do seu salário mensal, tenta a idéia da prostituição. A própria protagonista Codinome V é uma das várias pessoas que foram utilizadas como cobaias e reclusas em campos de concentração mantidos pelo governo ditatorial que surge na obra, e mais próximo ao fim do enredo é apresentada a personagem Valerie, presa no em Larkhill junto a muitos outros e ao Codinome V, acusada pelo fato de ser homossexual. Em outro ponto do enredo, é apresentada a personagem Rosemary Almond, esposa do policial Derek Almond, que em quase todas suas aparições é demonstrado que ela faz parte de um casamento conturbado, onde seu marido tem sua integridade afetada pela pressão que sofre com o cargo de policial do regime fascista, o que torna a relação entre Rose e Dominic extremamente distante, com cenas de violência

doméstica alimentadas pela tensão do policial. Quando seu casamento é desfeito e Rose perde a sua única ligação com a “esfera segura” do governo (amigos, outros policiais que trabalhavam com Dominic, todos se afastando), ela busca meios para tentar ganhar a vida, e vista as dificuldades consegue o emprego em uma boate de dançarinas. No fim, vendo seu mundo particular cada vez mais afundado e carregando diversos traumas, ela aplica toda a culpa ao responsável pela transformação do ex-marido, e assassina o líder do partido responsável pelo governo da Grã-Bretanha.

Num outro espectro de relação com o poder de mando do partido “Chama Nórdica”, existem personagens criadas pelo autor que vejo como representantes de certo apoio com a situação do país descrita no enredo, seja tal apoio direto ou não. Uma das personagens principais que mais se destaca nesse raciocínio é o detetive Eric Finch, nomeado chefe das instituições “Nova Scotland Yard” e do “Ministério das Investigações”, que no tempo descrito pela obra se tornou “O Nariz”, centro de investigação do governo. Em momentos iniciais da obra, mostra-se um homem centrado que se alia ao governo porque prefere um governo em ordem a servir a um povo em caos, mas à medida que sua investigação sobre os atentados cometidos pelo Codinome V avança, ele faz uma crítica descoberta de como seus trabalhos foram encobrindo inúmeras operações (como maior exemplo cito aqui a criação dos campos de concentração) e demonstra certo ressentimento pelos acontecimentos que levaram a tal situação, porém ele segue em encalço na sua investigação e à prisão do terrorista V, pois em sua consciência ele ainda é alguém que ameaça a ordem que protege o país, indiferente das suas motivações.

O policial Derek Almond (já citado esposo de Rosemary) é outra personagem no qual particularmente vejo muito sobre o raciocínio que desenvolvi no parágrafo anterior. Como já dito, a personagem de Derek é apresentada sobre forte stress e pressão por parte do

alto escalão do partido o qual serve, e mesmo com poucas aparições seus diálogos geralmente englobam a segurança e força que o partido “Chama Nórdica” conseguiu implantar através do governo autoritário, e que não espera viver novamente o caos que já havia existido durante a recessão. O choque que as ações de Codinome V é tão forte, que a própria personagem de Derek passa a ter um comportamento extremamente violento, resultando nos desfechos da sua relação com Rosemary. Em um apoio muito mais declarado à situação que a Inglaterra criada por Moore em “V de Vingança” é importante citar a personagem Helen Heyer, esposa de Conrad Heyer (líder do grupo de vigilância visual do partido chamada “O Olho”), uma mulher autoritária e que machuca o tempo todo a fim de transformar seu marido no sucessor do líder do partido, e assim alto-chanceler da Inglaterra. Espelhada nas aspirações e conquistas que o poder político vigente conseguiu, Helen expõe por várias vezes seu desejo de controlar o país através do marido, o qual ela tornaria sua marionete, desejo que a leva a ter casos e trair seu matrimônio com vários outros homens no intuito de manter seu status e o plano que construiu. Essa é outra personagem de pouca aparição, mas de participação muito intensa, e que mesmo após o desfecho dos atos terroristas de Codinome V e do assassinato de todos os principais líderes do “Chama Nórdica” ela continua planejando o retorno do poder autoritário.

Existem outros pontos de reflexão que se permeiam mais entre as “esferas sociais” e “esfera política” que defini anteriormente, e que devem ter seu espaço nesse trabalho. Um fator de bastante influência na formação do governo Thatcher é a presença do apoio religioso, já que muitos dos conceitos seguidos pela primeira ministra encontravam bases fundamentadas na religião, e muitas das medidas tomadas pelo governo Thatcher encontravam grande respaldo pelas mais diversas igrejas na Inglaterra, tanto entre os seguidores quanto os representantes. Uno a esse pensamento a referência que enxergo dentro da obra “V de Vingança” a essa situação, onde um dos líderes do governo “Chama Nórdica” e

participante ativo da administração dos campos de concentração é um bispo chamado Anthony Lilliman, que em seu passado narrado tinha como função o acompanhamento religioso (e em parte psicológico) das cobaias que eram removidas para os centros de contenção. Após o governo fascista estabelecido, sua ligação com a alta cúpula do partido continuou em expressiva, algo que pode ser bem observado nas páginas onde ele faz seu sermão de domingo¹³, exaltando a força e estrutura sólida do país depois da estruturação do partido, e como é importante a união do povo abençoado (no caso o povo inglês, devidamente residido fora dos campos de concentração) para fortalecer ainda mais o país. Tal “mote” é visto como principal linha do “Chama Nórdica”, com seus cartazes onde se lê *“Poder através da União. União através da Fé”*.

Existe uma análise no mínimo curiosa que pode ser feita sobre mais uma personagem que tem pouca participação ativa em toda a obra, apesar da sua importância para a história que é contada: o Alto-Chanceler Adam James Susan, líder do partido “Chama Nórdica” e o ditador do regime. E mesmo sendo uma personagem sem muitas falas, mas que a meu ver é construído como paralelo em relação à primeira-ministra Margareth Thatcher. Baseio minha linha de pensamento nas exposições da personagem do alto-chanceler sobre seu trabalho e função no novo regime, e isso somado às características que Adam James compartilha com a primeira-ministra. Ambos pertencem a uma fé religiosa a qual dizem serem seguidores ativos e são líderes de partido conservador até o momento de sua subida ao poder como líder da nação. Em aspecto da apresentação das motivações da personagem, Adam James expõe seu próprio ponto de vista sobre seu trajeto até o cargo de liderança da Inglaterra, onde faz questão de amostrar as necessidades que os tempos ruins haviam trazido,

¹³ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Um, Capítulo 5, páginas 46 e 47. – Referência em Anexos 6 e 7.

se colocando como real salvador e até mesmo “herói” do país, vangloriando suas próprias ações que fizeram com que houvesse a recuperação da economia e ordem social. Creio ser bem plausível a comparação das palavras do alto-chanceler com os discursos e frases da própria Margareth Thatcher sobre suas ações enquanto governante, onde ela mesma dizia sobre a necessidade que o país tinha de um governo forte, estruturado e irredutível, e das diversas vezes onde alegou que apenas uma mulher como ela (senhora de família, dona de casa, possuidora de coragem e fé cristã) poderia compreender as vicissitudes do encargo de liderança da Inglaterra. Faço inclusão aqui algumas frases¹⁴ de autoria da própria Thatcher como exemplos:

"Qualquer mulher que entenda os problemas de cuidar de uma casa está muito perto de entender os de cuidar de um país."

"A missão do político não é a de agradar a todo mundo."

"O consenso é a negação da liderança."

"A paciência é uma virtude, exceto quando se trata de separar os inconvenientes. "

"Todo o poder é confiança."

Para enriquecer ainda mais a análise da personagem de Adam James e os paralelos representativos que podem ser traçados, é importante ressaltar a existência de um objeto para qual o alto-chanceler dedica todo seu trabalho e até mesmo afeto¹⁵, o computador chamado Destino (ou traduzido da palavra “Fate”). O computador é um literal banco de dados sobre tudo que se relaciona à construção do novo governo: mantém o registro de todos os moradores do país, todos os funcionários, seus cargos, atribuições passadas, notícias de jornais, enfim

¹⁴ YOUNG, Hugo. **The Thatcher Phenomenon**. London, England: British Broadcasting Corp, 1986. – As frases são colocadas nessa obra como citações que antecedem alguns capítulos do livro. Várias delas também são facilmente encontradas em qualquer artigo bibliográfico sobre a primeira-ministra.

¹⁵ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Um, Capítulo 4, páginas 38 à 42. – Referência pode ser vista também no anexo 4.

toda e qualquer informação, portanto ferramenta de extremo valor para a atividade do partido, já que armazena e processa inúmeras atividades que apóiam as ações tanto dos agentes governamentais quanto das forças policiais e de investigação. É importante citar “Destino” na análise da personagem de Adam James exatamente pela afeição e valor que essa deposita sobre o computador, algo que expande e justifica seu poder como alto-chanceler e que o permite agir e existir e na qual ele se apóia o tempo todo, e não sendo por menos que o próprio Adam se refere ao computador como sendo a “amada” de sua vida, da qual ele não pede nenhum sinal de afeição: ao mesmo tempo em que ele é o grande líder do governo britânico, ele se mostra subserviente à máquina a qual o permite exercer o poder ditatorial.

A forma de como a mídia é construída e reproduzido é outro ponto de referência interessante a meu ver, mesmo considerando que em um governo autoritário o controle das formas de informação faz parte vital da agenda ativa, aqui no caso falando sobre o enredo da obra utilizada. Várias vezes são expostas referências às músicas, poemas, autores e livros, através de citações e falas do personagem V, que diz por diversas vezes como a cultura e seus meios foram esquecidos ou proibidos¹⁶ por causa das diretrizes do novo governo vigente. As imagens que se referem a “Galeria das Sombras”, lar de V, são sempre repletas de fotos de atrizes, cartazes de filmes e músicos, fazendo outro apoio à raridade que essas coisas se tornaram com o decorrer do enredo escrito por Alan Moore. Vejo tais referências não só como escolhas estéticas ou preferenciais do autor sobre sua obra, mas como um alarde sobre as posições que o governo Thatcher pode chegar, visto que havia uma severa vigilância sobre os meios de arte que eram produzidas pelos movimentos modernos que chegavam à Inglaterra, e

¹⁶ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo 1, Capítulo 2, página 20. – Referência em Anexo 8.

uma severa repressão a aqueles que fossem considerados afrontes aos ideais expressos nos discursos da primeira ministra.

Seguindo o raciocínio já desenvolvido, é válido lembrar que foram comentados movimentos culturais na Inglaterra contra as posições de censura do partido conservador de Margareth Thatcher, e contra as leis que rechaçavam o homossexualismo, movimentos os quais o autor Alan Moore participou criando roteiros para as mais diversas produções gráficas que surgiram durante o fim da década de 70. Outro referencial interessante foi o rechaço categórico feita pelo governo britânico da venda do CDs de música da banda Iron Maiden, em 1979, com apoio da igreja britânica, onde ambos alegaram os efeitos nocivos do estilo de música aos jovens e à integridade do conceito de família. Tais exemplos dados aqui foram dois de vários acontecimentos similares, e vejo referências bem claras à situação que surgira com os anos durante o governo conservador britânico na escrita de “V de Vingança”.

Todo o “clima” que é criado para o enredo da obra, tato através das descrições e diálogos quanto pelas ilustrações. soma-se para amostrar a representação que autor fez sobre suas expectativas e sobre os momentos em que o patamares de vivência social e política do país estavam passando: todos os ambientes desenhados apresentam muitas sombras e poucas cores fortes, ruas vazias de civis, paredes com vários cartazes do partido “Chama Nórdica”, prédios sem luzes e muros altos. Rádio e televisão, na maioria das poucas vezes que são referenciados, não possuem outra programação que não seja informações sobre a ação do partido, não existem propagandas, outdoors, cartazes nos muros, que não sejam relacionados ao governo. A meu ver, Alan Moore faz um importante apontamento sobre temer a sansão até das pequenas liberdades, principalmente às culturais, à amostra de opinião, o fechamento cultural para tudo que não faz referência às diretrizes nas quais o governo neoliberal de Margareth Thatcher tem solo.

Vale ressaltar a crítica que o autor faz em relação à apatia de uma parte da população em relação aos acontecimentos e das repercussões que eles poderiam vir a ter. Vejo como possibilidade bem real de que exista uma parcela dos cidadãos de qualquer congregação urbana não tome partido ou reaja a decisões ou ações do governo vigente, seja por comodismo, consentimento ou qualquer motivação que possa ser descrita aqui, assim como vejo motivos para que o autor tome uma posição bem crítica à isso, visto suas participações anteriores em vários movimentos reacionários. Dentre as páginas de “*V de Vingança*”, o Tomo 2 conta com uma parte onde Codinome V invade a central de transmissão televisiva do país e exibe um programa que invade todas as transmissões, um programa onde V se dirige aos telespectadores da mesma forma em que um diretor de empresa se dirigiria a um funcionário¹⁷, exibindo falhas de administração de recursos, dos maus cuidados com aquilo que foi cedido à essa população, ao mau emprego que é feito daquilo que foi entregue à eles. No fim, é dado um prazo de um ano para que houvesse mudança, e caso não houvesse V deixa de modo velado uma espécie de “demissão”.

¹⁷ MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics, Tomo Dois, Capítulo 3, página 115 à 120. – Referência em Anexos 9 ao 14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos estudando as várias teorias e escolas nos ramos da História me trouxeram à luzes de que as opiniões e vivências de uma pessoa fazem extremas diferenças quando se trata de um autor, seja qual for o tipo de material observado. À medida que chegamos ao ponto em que a História e as teorias criadas se baseiam em pontos de vista e experiências particulares, o estudo sobre representação ganha um espectro muito mais amplo de estudo, onde a opinião de um autor cruza com a de um leitor, e a desses com a de muitos outros que podem vir a repartir suas idéias.

Desde jovem, tenho convivência constante com várias histórias em quadrinhos, e acompanhei mudanças em sua produção, em seus personagens, nas histórias das quais faziam parte e os temas que cada revista trazia. Porém, dentro do Curso de História comecei a perceber o quão rico para trabalhos os quadrinhos são, quão envolvidos com seus ambientes de origem, com o seu tempo, como suas idéias principais podem ser vistas e relidas de diversas maneiras e apresentadas de formas diferentes, à medida que se analisa pormenores de sua existência. Mas, assim como qualquer arte que trilhou seu caminho como objeto de estudo dentro de um meio acadêmico, os quadrinhos são fontes novas para trabalho. Ao ponto de vista positivo, o campo da representação ganhou um terreno mais amplo ainda a ser trabalhado, mostrando novamente como o conhecimento acadêmico se torna um imenso rio com fim em oceanos infinitos.

O que torna tal experiência tão emocionante é saber que uma boa parte dos grandes teóricos, autores que expuseram seus trabalhos com os quadrinhos são brasileiros, trabalhos de grande reconhecimento tanto dentro quanto fora do nosso país, o que mostra um solo firme e promissor para novas experiências. Mesmo sendo uma produção de outro país, "*V de Vingança*" traz paralelos de grande participação para um estudo sobre o neoliberalismo, e

como um período de vivências sociais e políticas podem ser representados em uma narrativa que é ao mesmo tempo fictícia, mas com vários pontos de representação em vivências e pontos de vista do próprio autor sobre um tempo que ele acompanha.

Por fim, creio que existe uma necessidade de tornar a abertura para os novos estudos no meio acadêmico mais amplo e presente para essas novas experiências, abertura a qual pretendo retomar para continuidade de meus estudos. Claro, cito que autores que já amostraram seus trabalhos em relação a quadrinhos e suas representatividades datam de anos antes de 1990, porém penso eu que existe pouca fé nas amplitudes desse tipo de estudo, e espero através de meu trabalho ter mostrado pelo menos parte da riqueza desses materiais.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- Artigo informativo sobre o autor Alan Moore e cronologia profissional, disponível em http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Alan_Moore - Acessado em 14 de Novembro de 2010.
- Artigo informativo sobre biografia e ordem cronológica das publicações de Alan Moore, disponível em <http://www.imdb.com/name/nm0600872/bio> - Acessado em 18 de Novembro de 2010.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Alan Moore: Biografia e obra comentada. Artigo biográfico disponível em <http://www.omelete.com.br/quadrinhos/alan-moore-biografia-e-obra-comentada/> - Acessado em 14 de Outubro de 2010.
- Artigo informativo sobre a biografia de Margareth Thatcher, disponível em <http://www.imdb.com/name/nm0857137/bio> - Acessado em 12 de Dezembro de 2010.
- Artigo biográfico sobre Margareth Thatcher, disponível em <http://europeanhistory.about.com/od/thatcher/margaret/p/thatcherprofile.htm> - Acessado em 12 de Dezembro de 2010.
- MOORE, Alan; HA, Gene; CANNON, Zander. **Top Ten – Contra o Crime**. - Edição Especial – Outubro de 2005. São Paulo: Ed. Devir Livraria.
- MOORE, Alan; HA, Gene; CANNON, Zander. **Top Ten – Assuntos Internos**. - Edição Especial – Outubro de 2005. São Paulo: Ed. Devir Livraria.
- MOORE, Alan; O'NEIL, Kevin. DIMAGMALIW, Benedict. **A Liga Extraordinária Volume I** – Edição Especial – Setembro de 2003, São Paulo: Ed. Devir Livraria.
- MOORE, Alan; O'NEIL, Kevin. DIMAGMALIW, Benedict. **A Liga Extraordinária Volume II** – Edição Especial – Maio de 2004, São Paulo: Ed. Devir Livraria.
- MOORE, Alan; O'NEIL, Kevin. DIMAGMALIW, Benedict. **A Liga Extraordinária Volume III** – Edição Especial – Agosto de 2010, São Paulo: Ed. Devir Livraria.
- MOORE, Alan; O'NEIL, CHAN, Ron. **Tales of The Green Lantern Corps Volume 2**. Março de 2010 – Ed. Titan Books LTDA.
- MOORE, Alan; GIBBONS. Dave. **Watchmen** – Edição Especial – junho de 2009. São Paulo: Ed. Panini Comics.

FONTES ICONOGRÁFICAS

- MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MOORE, Alan; LOYD, David. **V de Vingança**. Edição Especial – Abril de 2006. São Paulo: Panini Comics.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1977.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica** In: *Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DORFMAN, Ariel. MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald: comunicação em massa e colonialismo**. 5ª Ed. Tradução e prefácio de Álvaro de Moya. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.
- MOYA, Álvaro de. **Shazam!**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BELMONTE. **Caricatura dos Tempos**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1982.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Traduzido por Waltensin Dutra. São Paulo, Ed. Jorge Zahar, 1979.
- KHOURY, George. **The Extraordinary Works of Alan Moore**. 1ª Ed. Canada: TwoMorrows Publishing, 2003.
- BAKER, Bill. **Alan Moore's Exit Interview**. Connecticut, United States: Airwave Publishing, 2007.
- MILLIDGE, Gary Spencer. **Alan Moore: Portrait of an Extraordinary Gentleman**. United States: Abiogenesis Press, 2003.
- GARFINKEL, Bernard. **Coleção Os Grandes Líderes – Margareth Thatcher**. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- YOUNG, Hugo. **The Thatcher Phenomenon**. London, England: British Broadcasting Corp, 1986.
- YOUNG, Hugo. **The Iron Lady: A Biography of Margaret Thatcher**. New York, United States : Farrar Strauss Giroux, 1989
- **Alan Moore: uma breve resenha do Revolucionário dos Quadrinhos**. Resenha disponível em <http://protocolonerd.com.br/2010/11/27/alan-moore-uma-breve-resenha-do-revolucionario-dos-quadrinhos/> - Acessado em 12 de Novembro de 2010.

ANEXOS

Anexo 1 - Falas da Personagem Evey, relatando o holocausto nuclear.

V DE VINGANÇA 29



Anexo 2 – Falas da personagem Evey sobre a tomada ao poder do partido Chama Nórdica

30 V DE VINGANÇA



Anexo 3 – Diálogo da personagem “V” com “Madame Justiça”, primeira página.

V DE VINGANÇA 41



Anexo 4 - Diálogo da personagem “V” com “Madame Justiça”, segunda página.

42 V DE VINGANÇA



Anexo 5 - Diálogo da personagem “V” com “Madame Justiça”, terceira página.

V DE VINGANÇA 43



Anexo 6 – Sermão do Bispo Anthony Lilliman, primeira página.

46 V. DE VINGANÇA



Anexo 7 – Sermão do Bispo Anthony Lilliman, segunda página.

V DE VINGANÇA 47



Anexo 8 – o “esvaziamento cultural” citado pela pesonagem V.

20 V DE VINGANÇA



Anexo 9 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra, primeira página.

V DE VINGANÇA 115



Anexo 10 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra, segunda página.

116 V DE VINGANÇA



Anexo 11 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra, terceira página.

V DE VINGANÇA 117



Anexo 12 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra, quarta página.

118 1 DE VINGANÇA



Anexo 13 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra, quinta página.

V DE VINGANÇA 119



Anexo 14 – Transmissão de “Codinome V” para a população da Inglaterra – sexta página.

120 V DE VINGANÇA

